



OS TRAJES DA IGREJA CATÓLICA

Um breve manual de conservação têxtil

Fausto Viana

É proibida a reprodução de qualquer parte desta obra sem prévia autorização do autor.

Texto: Fausto Viana

Desenhos técnicos: Juliana Matsuda

Desenhos das ilustrações: Dalmir Rogério Pereira

Diagramação: Dorival Lopes Jr.

Revisão: Márcia Moura

Foto da capa: Gabriel Boeiras

Agradecimentos:

Isabel Italiano, Desirée Bastos e Luciano Araújo; Juliana Matsuda e Dalmir Rogério; Elizabeth Azevedo; D&A Decorações e Artesanato Litúrgico; Maria Celina Gil (fotos).

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

V614t

Viana, Fausto

Os trajes da Igreja Católica [recurso eletrônico] : um breve manual de conservação têxtil / Fausto Viana.. – 2. ed. – São Paulo : ECA/USP, 2024.
PDF (79 p.) : il. color.

ISBN 978-85-7205-268-9

DOI 10.11606/9788572052689

1. Vestuário. 2. Vestuário - Conservação - Preservação. 3. Trajes. 4. Moda. 5. Igreja Católica.

CDD 23.ed. – 391.082

Elaborado por: Alessandra Vieira Canhó Maldonado - CRB-8/6194

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram realizados para que nenhum direito autoral fosse violado em *Os trajes da Igreja Católica: um breve manual de conservação têxtil*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou nas notas de rodapé, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com o autor que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 Cidade Universitária

CEP- 05508-020

OS TRAJES DA IGREJA CATÓLICA

Um breve manual de conservação têxtil

Fausto Viana

2ª Edição
São Paulo - 2024





*Nossa Senhora da
Conceição. Aquarela
de Debret, de 1818.
Muitas imagens têm,
por cima da pintura do
traje ou mesmo sobre
sua estrutura, como
nos santos de roca,
trajes que precisam
ser bem conservados.
Fonte: Museu Castro
Maya, Rio de Janeiro.*

Olhai os lírios do campo, como eles crescem;
não trabalham, nem fiam; e eu vos digo que nem
mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu
como qualquer deles.

Mateus 6:28-29



O casamento da princesa Isabel (estudo). Repare nos sacerdotes, à esquerda, com capas pluviais. Autor: Pedro Américo (1864 (?)). Fonte: Museu Imperial, Rio de Janeiro.

APRESENTAÇÃO

Isabel Cristina Italiano

Dizem que os melhores perfumes vêm nos menores frascos: é sob esta perspectiva que este pequeno livro deve ser encarado.

O Professor Fausto Viana, na sua trajetória como pesquisador de trajes e têxteis, encontrou pelo país muitas coleções em estado muito precário de conservação. Uma publicação anterior, de 2006, trazia suas preocupações com os acervos teatrais: era o *Breve manual de conservação de trajes teatrais*, uma publicação patrocinada pela Fundação VITAE e que hoje encontra-se esgotada.

Os trajes da Igreja Católica: um breve manual de conservação têxtil vem suprir esta lacuna.

Na primeira parte, apresenta os paramentos litúrgicos mais conhecidos hoje e elucida sua utilização nos rituais e celebrações católicas, explicando também o que são os linhos de altar. Na segunda parte, oferece ao leitor comum – não um técnico especializado no assunto – possibilidades de salvar acervos ou o acervo que está sob sua responsabilidade.

São sugestões propositadamente econômicas e alternativas que podem ser a base para a conservação de importantes peças de coleções litúrgicas brasileiras – e talvez surjam como possibilidade para outras coleções de têxteis que igualmente necessitem de proteção e cuidados.

Ficam duas importantes colaborações: esclarecimentos contemporâneos sobre o traje do rito católico, que certamente fará com que outras religiões possam avaliar e valorizar os trajes empregados nos ritos que executam, e também a importância de salvar acervos para que a história do nosso país não se perca.

Que venham agora os livros para conservações de trajes de outras categorias!

Isabel Italiano

Professora de modelagem

EACH USP



*Padre Chico e Monsenhor
Benedito Alves de Souza.*

Padre Chico, à esquerda, usa bireta preta, manteleta (essa espécie de casaco abotoado no pescoço e aberto na frente, sem mangas), roquete e batina roxa por baixo do conjunto. Monsenhor Benedito, à direita, veste por cima da sua batina roxa um sobretudo de uso social comum. Óleo sobre tela de Benedito Calixto, sem data. Fonte: Museu de Arte Sacra de São Paulo.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Os paramentos litúrgicos mais conhecidos hoje.....	15
Trajes eclesiásticos	17
Alva.....	19
Capa pluvial ou capa de asperges	20
Casula.....	24
Cota.....	27
Dalmática	28
Roquete	30
Sobrepeliz	31
Túnica	32
Véu umeral	33
As cores da liturgia.....	35
Alguns símbolos que podem ser usados nas vestes litúrgicas	37
Os linhos de altar	43
Como conservar os têxteis da Igreja	47
Uma conversa ao pé do altar.....	48
1. Procedimentos de segurança	49
2. O local de trabalho com os têxteis	50
3. Seleção do acervo	51
4. Limpeza do acervo	52
5. Fazendo um pequeno inventário	60
6. Caixas ou cabides?	62
7. Como guardar em caixas	68
8. Local para guardar os trajes.....	73
Bibliografia.....	78

INTRODUÇÃO

A Bíblia e os evangelhos apresentam diversas situações em que os tecidos e os trajes tiveram uma participação determinante na trajetória humana rumo ao divino, ao espiritual.

Já em Gênesis, Adão e Eva, depois do evento com a serpente, “conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais” (Gn 3:7). Era um traje primitivo, como o são todos os trajes que vestiram os primeiros humanos que não conheciam ainda a tecelagem, o algodão, nem os outros sofisticados métodos que os séculos trariam.

José do Egito, filho de Jacó, tem uma curiosa história com túnicas. A primeira foi até tema de um musical da Broadway, *José e seu divertido casaco de muitas cores*. José nasceu na velhice de Jacó e era fruto de seu amor por Raquel. Jacó mandou tecer uma túnica comprida para José com diversas cores – um patrimônio caro naquela ocasião. Simbolicamente, o casaco cumpre o papel de mostrar o amor do pai por este filho fiel, generoso, amoroso e temente a Deus. Jacó não contava com a ira (e inveja!) de seus outros dez filhos, que venderam José, tomaram seu casaco e o cobriram com sangue de bode, dizendo que fora morto por algum animal selvagem.

Já no Egito, José vai ganhar uma nova túnica apenas quando é reconhecido como fiel funcionário da casa de Potifar, mas cai em desgraça e a veste lhe é tomada quando enfrenta os desejos de Potífara (esposa de seu chefe) e é acusado de traição: “Ela lhe pegou pelo seu vestido, dizendo: ‘Deita-te comigo’. E ele deixou seu vestido na mão dela, e fugiu, e saiu para fora” (Gn 39:12).

José será consagrado simbolicamente, mais uma vez, quando recebe do faraó novas vestes de linho, além de outros símbolos de poder: “E tirou faraó o anel de sua mão, e o pôs na mão de José, e o fez vestir de vestidos de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço” (Gn 41:42).

Quando Jacó soube, ainda que fosse mentira, da morte de José, ele rasgou suas vestes. “Rasgar as vestes”, simbolicamente, quer dizer se expor, sofrer, humilhar-se perante Deus. Ainda bem – já que parte deste livro trata da conservação do que sobrou dos trajes! – que o hábito foi suspenso há muitos séculos, quando se passou a abrir o coração, a se examinar o que era necessário mudar *internamente* para o crescimento humano.

Há outra túnica, ainda mais importante que a de José: a de Jesus.

Jesus não tinha, de fato, muitas posses materiais – não era seu objetivo na Terra. Mas tinha uma túnica tecida em uma peça só.

Roupas sem nenhuma costura, como a que Jesus estava usando, eram feitas exclusivamente na Palestina. Eram tecidas em teares verticais e tinham dois jogos de fios da urdidura, na vertical, um na frente da barra transversal e outro atrás. O tecelão passava alternadamente a lançadeira que levava o fio da trama, na horizontal, começando na parte da frente do tear até à parte de trás, “criando assim uma peça de tecido cilíndrica”, diz uma obra de referência. Uma túnica sem costura provavelmente era um item raro, por isso os soldados estavam interessados nessa túnica¹.

Mais uma vez no plano da simbologia, Jesus tinha uma veste material, que ainda que destrutível, era apenas uma proteção para seu corpo físico. Havia outra veste imaterial, uma investidura que era indestrutível: era a do seu poder espiritual.

Mateus (27:35) escreve: “E, havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta”, citando em seguida Salmos 22:18, uma profecia de Davi que dizia: “Repartem entre si os meus vestidos e lancem sortes sobre a minha túnica”. Assim que Jesus morre, o véu do templo² – mais um tecido com papel importante na Bíblia – se rasga em dois. “E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras” (Mateus 27:51).

Foi também um tecido que recobriu o corpo de Jesus e é famoso até hoje: o Santo Sudário. Não foi privilégio de Jesus ser enrolado em um tecido – era um hábito funerário comum entre aquele povo.

Não eram também especiais as roupas usadas pelos primeiros cristãos, como será visto neste livro. Sartore e Triacca apontam que “quanto às vestes dos ministros consta que, ainda no século V, eles usavam para as celebrações litúrgicas, as vestes comuns. Ficavam, porém, excluídas as militares e as de trabalho; entre as vestes comuns eram escolhidas as mais belas” (1992, p.15). Dalmáticas, por exemplo, eram roupas do dia

¹ Disponível em: < <http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2009486#h=6>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

² Véus em templos já estavam presentes no livro Êxodo (26: 1): “E o tabernáculo farás de dez cortinas de linho fino torcido e azul, púrpura e carmesim: com querubins as farás de obra esmerada”.

a dia – os cristãos, ao que tudo indica, apenas escolhiam para vestir nos rituais as suas melhores peças. Até pouco tempo, falava-se em roupa de domingar ou roupa de missa. Esta passou a ser de uso exclusivo da igreja depois de longo período de uso diário, e recebeu uma codificação significativa, o que faz com que já dure séculos.

O estudo dos paramentos religiosos na Igreja Católica atualmente faz parte da liturgia, que “é a ação sagrada, através da qual, com um rito, na igreja e mediante a igreja, é exercida e continuada a obra sacerdotal de Cristo, isto é, a santificação dos homens e a glorificação de Deus” (SARTORE e TRIACCA, 1992, p. 645). Ou seja, os trajes da Igreja são muito importantes como parte do ritual.

Os trajes também receberam cuidados especiais por parte dos fiéis da Igreja. Muitos receberam ornamentação especial, de grande valor artesanal e se transformaram em verdadeiras obras de arte. Se a Igreja condena essas manifestações? Não, muito ao contrário, como explica a Irmã Vasconcelos:

A Arte (sic) não é luxo, não é coisa supérflua no Culto prestado a Deus. Arte, no sentido em que empregamos esta palavra, e que é o sentido comumente recebido em nossa época, quer dizer procura da beleza. (...) Ora, a beleza completa o ser, qualquer que ele seja, e torna a obra perfeita em seu gênero. Há conveniência em que a arte intervenha em todas as manifestações sensíveis da religião, pois a beleza faz reinar sobre a matéria uma ordem e uma proporção concebidas e sentidas pelo espírito. Fazer obra de arte é espiritualizar a matéria. Pôr a serviço de Deus, para o culto, verdadeiras obras de arte, é retribuir a Deus, em homenagem de adoração, a própria flor deste poder de agir que Ele concedeu à raça humana. É reconhecer a grandeza infinita, a majestade, a bondade, a sabedoria, a beleza d'Aquele que é o ser mais perfeito possível. (VASCONCELOS, 1956, p. 36)

Espalhados pelo país, em coleções pessoais ou de instituições religiosas em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Mariana e Ouro Preto (MG), Recife e Olinda (PE) e Salvador (BA) entre outras, existem peças feitas, adquiridas ou doadas por fiéis devotados ao longo dos tempos.

Você, leitor, pode ser atualmente o guardião destas peças, na sua casa ou em alguma instituição.

Por isso a estrutura deste livro foi pensada da seguinte maneira:

1. Os paramentos e uma breve história deles, para que este conhecimento acerca dos ritos da Igreja não se perca. Apresentam-se os trajes, as cores da liturgia e os símbolos empregados na sua ornamentação. Parte deste material, aqui sintetizado, foi apresentado no livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda do Brasil do século XIX*, lançado em 2015 pela Estação das Letras e Cores e escrito pelo mesmo autor desta obra com Isabel Italiano, Desirée Bastos e Luciano Araújo. Naquele livro encontram-se também as modelagens e maneiras de costurar alguns dos trajes aqui expostos.
2. Os linhos de altar. Apresentam-se aqui os linhos de altar e seu breve histórico e funções.
3. Como conservar os paramentos e linhos de altar. O objetivo principal é apresentar ideias simples, mas eficazes, para ajudar na conservação deste material que pode estar em suas mãos e precisando urgentemente de cuidados.

Conservar estes materiais, entendendo o seu significado e as suas funções, não é apenas um ato de amor ao culto católico. É muito mais que isso: é permitir que todos os cidadãos do Brasil possam ter acesso à nossa memória, ao nosso patrimônio artístico e cultural, às belezas que tantas mãos hábeis produziram em gratidão a bênçãos individuais ou coletivas.

Preservar e conservar estas peças permitirá que se faça um panorama cultural desta e de diversas outras épocas. As técnicas simplificadas de conservação têxtil aqui apresentadas, em linguagem simples e acessível ao leitor comum (não sendo, portanto, um material para conservadores profissionais), podem ser aplicadas a qualquer material têxtil e de qualquer culto religioso, claro.

Afinal, a função dos paramentos, mais ou menos ornados e/ou artísticos, como disse a Irmã Vasconcelos já na década de 1950, é espiritualizar a matéria e pôr a serviço de Deus verdadeiras obras de arte feitas com amor – e este é o sentimento do qual toda a humanidade carece, independentemente de credo, raça, cor ou qualquer outro critério que nos afaste ou separe enquanto humanos.



Vários trajes na
sacristia da Igreja
do Carmo, no Rio
de Janeiro. Foto:
Halley Pacheco de
Oliveira. Disponível
em: <[http://
creativecommons.org/
licenses/by-sa/3.0](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0)>.
Acesso em: 31 mar.
2016.

Os
PARAMENTOS
LITÚRGICOS
MAIS CONHECIDOS
HOJE



São Francisco em agonia (1828), de Manoel da Costa Ataíde (1762-1830). Igreja de São Francisco em Mariana, Minas Gerais. O traje de São Francisco inspirou o hábito religioso dos irmãos franciscanos. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4b/%22_Manoel_da_Costa_At%C3%ADde_-_Agonia_e_Morte_de_S%C3%A3o_Francisco_%22.jpg>. Acesso em: 26 mar. 2016.

TRAJES ECLESIÁSTICOS

Brodbeck faz um importante esclarecimento sobre traje eclesiástico, traje clerical e hábito religioso.

Traje eclesiástico é o gênero que engloba as espécies traje clerical e hábito religioso. Entende-se por **hábito religioso** a veste apropriada prescrita pelas regras e constituições de cada instituto. Assim, há o hábito dos carmelitas, dos franciscanos, dos beneditinos, dos cistercienses, dos redentoristas, dos capuchinhos, dos agostinianos, dos maristas, dos lassalistas, etc, um diferente do outro, justamente pela simbologia e espiritualidade próprias. Por sua vez, o **traje clerical** é o utilizado pelos clérigos seculares (e seminaristas seculares também) e pelos religiosos que não possuem hábito próprio (como os jesuítas, os salesianos e os legionários de Cristo, por exemplo).

A forma do hábito depende de cada instituto, e o traje clerical pode ser batina – também chamada sotaina – ou calça e camisa com colarinho romano – clergyman. Não podemos confundir, ademais, o traje eclesiástico com os paramentos litúrgicos, utilizados na celebração da Santa Missa, do Ofício Divino e dos diversos sacramentos e sacramentais, nem com a veste talar ou coral a ser usada pelos religiosos e clérigos no coro ou quando assistem as cerimônias litúrgicas sem celebrá-las³.

A memória dos trajes católicos está muito presente no cotidiano do povo brasileiro, independentemente de sua religião. Como colônia de Portugal, o Brasil recebeu profunda influência da religião católica trazida pelos portugueses, que incluía o rito completo das missas e outros acontecimentos da religião, como procissões e festas do calendário litúrgico. Assim, procissões como as do Senhor Morto ou as celebrações do Natal, por exemplo, são uma constante no dia a dia da população, que muitas vezes sequer percebe de onde vem esta tradição.

A familiaridade do leitor com os trajes católicos também vem das artes em geral, que desde a Idade Média já utilizam a Igreja e a dramaticidade contida em algumas partes do evangelho como fonte de inspiração.

³ BRODBECK, Rafael Vitola. Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/da-obrigatoriedade-do-uso-do-traje-eclesiastico/>>. Acesso em: 26 mar. 2016. 54 (grifos nossos).

Como visto, os primeiros trajes da Igreja Católica eram roupas comuns, cotidianas, que na medida em que a Igreja estabeleceu normas e diretrizes comuns para todas as nações que seguiam a mesma crença, foram codificados. O formato de alguns trajes já está em uso há mais de mil anos.

Quando há necessidade de mudanças, mais estruturais ou superficiais, elas são aprovadas em concílios, como o Concílio Vaticano II ou documentos especiais produzidos pela Igreja, que passam a ter validade mundial.

A primeira parte deste texto trata dos paramentos mais usados hoje em dia. Na sequência, virá o uso das cores e dos símbolos nos trajes.



Ao lado, o conhecido Padre Cícero (1844-1934), de batina, um traje clerical. Disponível em: <<http://www.portaldejuazeiro.com/2013/01/chega-de-tanto-esperar-reabilitacao-do.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016. Acima, o padre Marcelo Rossi usando o *clergyman*, ou colarinho romano. Disponível em: <<http://oracaosaojorge.com.br/padre-marcelo-rossi>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

ALVA⁴

A alva é uma túnica branca, vestida sobre uma roupa comum, sob a casula e fica presa na cintura por um cingulo (VASCONCELOS, 1965, p.75). Estas que apresentamos são *talares*, ou seja, descem até o *talus* ou calcanhar. “Sua brancura imaculada significa a pureza do coração, a candura virginal, a incorruptibilidade da doutrina, a virtude da perfeição: é imagem da fé e da boa fé”, destaca Lesage (1959, p. 80). Está em uso desde os primórdios da Igreja. Vasconcelos diz que deve ser, de preferência, de linho branco fino. Pode ser usada com um amito, uma espécie de véu que protege o pescoço do sacerdote e fica por baixo da alva.

Sua ornamentação: Vasconcelos, ao citar Dom Roulin, diz que as alvas não devem ser cobertas de rendas até a cintura ou além desta; não devem ter “sombas de seda vermelha” sob as rendas, de modo que o branco não predomine mais. As rendas e os filetes são de seda e de algodão, e o recomendado é que o traje seja feito de linho: ou seja, as rendas não devem predominar.

“O que se permite e aconselha é um simples entremeio de bordado aberto ou de renda, de bilro, filet ou crochê, não excedendo 7 ou 8 cm, branco ou vermelho para as alvas diárias”, ela esclarece, dizendo que “para os dias de festa mais solene, pode-se ornar a alva com galões ou faixas decorativas acima da bainha, mas estreitas e simples, sem complicação de cores e de ornamentos, e combinando com a casula do dia. Os punhos da alva podem ser ornados com a mesma barra em ponto menor ou com simples bainha” (VASCONCELOS, 1965, p. 79).

Ao vestir a alva, o sacerdote deve dizer: “Abranqueai-me, Senhor, e purificai o meu coração a fim de que, lavado no sangue do Cordeiro, goze das alegrias eternas” (ROWER, 1928, p. 173).



Desenho técnico de alva usada no século XIX (frente e costas). Desenho: Juliana Matsuda.

⁴ Todo o texto sobre os trajes religiosos foi publicado pela primeira vez no livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*.



Acima, protótipo da alva como utilizada no século XIX (frente e costas). Foto: Ronaldo Gutierrez. Alva produzida atualmente pela D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico. Fonte: Site D&A. Padre vestindo alva e estola e segurando uma casula do século XX. Disponível em: <<https://litcomwenty.wordpress.com/2012/05/05/6512-the-alb-and-other-vestments/>>. Abaixo, uma borda que pode ter sido aplicada na barra ou nas mangas de uma alva, como acredita o Museu Victoria and Albert de Londres, dono da peça, datada entre os anos de 1320 e 1340. O bordado em prata e linhas de seda é inglês e o veludo de seda, italiano. Fonte: V&A Museum.



CAPA PLUVIAL OU CAPA DE ASPERGES

Vasconcelos explica que no passado foi um agasalho contra as intempéries, tendo um capuz que “protegia contra a chuva (*pluvia*, donde *pluvial*). Em Roma, esta capa tem o formato de semicírculo completo, levantando-se atrás” (VASCONCELOS, 1959, p. 108). O capuz virou um triângulo em formato de escudo ou curvilíneo, com um pingente na ponta, como ela explica. Chama-se capa de asperges também, pois pode ser usada quando o sacerdote vai abençoar – *aspergir* água. A capa de asperges é “fechada na frente por meio de um alamar ou por uma travessa de tecido forrado” (idem, p. 109). A capa pode ser branca, cor de ouro ou com as cores litúrgicas. A ornamentação segue a da alva, da casula e da sobrepeliz.

Ao despir a capa de asperges, o sacerdote deve dizer: “Despi-me, Senhor, do homem velho com seus costumes e atos, e vesti-me do homem novo, que foi criado segundo Deus, em justiça e santidade de verdade” (ROWER, 1928, p. 173).



Ao lado, um bispo com
capa pluvial (1550(?)).

Cavaleiros da capela da
Rainha Elizabeth com
capas pluviais (1560(?)).
Fonte: PLANCHÉ,
2003, p. 131.





Acima, capa pluvial (séculos XIX / XX (?)) pertencente à Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei, Minas Gerais. Foto: Fausto Viana. À direita, capa produzida atualmente pela D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico. Fonte: Site D&A. Abaixo, capa pertencente ao acervo do Museu Victoria and Albert de Londres. Datada entre os anos 1330 e 1350. O bordado em prata, contas, pérolas e linhas de seda é inglês e o veludo de seda, italiano. Fonte: V&A Museum.





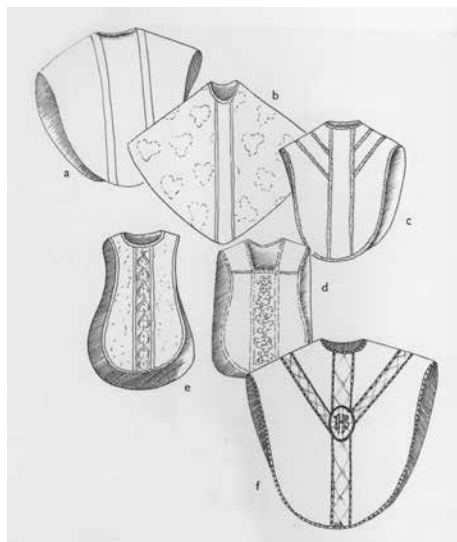
O Papa Francisco em 2013. Além da mitra, ele usa uma casula ampla por cima de uma alva. No pescoço, um *pallium*. Foto: Krzysztof Czarnowski. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0>>. Acesso em: 31 mar. 2016).

CASULA

A casula é a veste superior do sacerdote na celebração da missa, diz Vasconcelos (1959). A história da casula é muito antiga, pois era uma roupa de uso cotidiano, a *paenula* romana. A ilustração a seguir mostra a trajetória desse traje, hoje indispensável nas celebrações.

A casula como se desenvolveu ao longo dos séculos, desde a sua origem romana (a), passando pelo tipo cônico (b), o encurtamento das laterais (c), o exagerado formato de violino (d e e) e, finalmente, adotando outra vez o formato gótico.

Fonte: BAILEY, 2013, p. 16.



A casula deve ser construída “em seda pura, só se tolerando mistura ou seda vegetal nas capelas de missões ou muito pobres”, diz Vasconcelos⁵ (1959, p. 89). Seu simbolismo é a “inocência, a caridade e o doce e suave jugo do Cristo” (ibidem).

A ornamentação da casula

é a coluna vertical que se estende, tanto nas costas como na frente, desde a barra até a gola, e a outra faixa, de igual largura, que forma com a primeira uma cruz de braços suspensos em posição oblíqua, braços que não se interrompem, mas rodeiam os ombros e se fundem

⁵ Ela mesma diz que infringe essa regra em 1959 pois se tornara impossível encontrar no comércio seda pura.

à coluna da frente. Estas faixas oblíquas devem ser retas também e não curvas ou quebradas. Quando a casula está inteiramente aberta sobre a mesa, essa faixa deve formar um losango, com os ângulos obtusos sobre os ombros. (VASCONCELOS, 1959, p. 93)

Mas essa ornamentação não é obrigatória. Ela complementa que a “beleza da casula depende, além de sua amplitude e da escolha de um belo tecido bem flexível, da harmonia das cores deste tecido e do forro, assim como dos ornatos” (ibidem). As cores seguem as da liturgia.

A oração para tomar a casula é: “Senhor, que dissestes: O meu jugo é suave e o meu fardo leve; fazei com que eu o carregue de modo a conseguir a vossa graça. Amém”. (ROWER, 1928, p. 173).



À esquerda, duas figuras (século X ou XI) vestem casula por cima da alva. Repare na decoração da casula da direita. Ao lado, um diácono inglês usando uma dalmática de mangas fechadas (1460). Fonte: PLANCHÉ, 2003, p. 168.



Casulas em estilos diferentes (século XIX ou XX (?)), ambas pertencentes à Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei, Minas Gerais. Fotos: Fausto Viana.

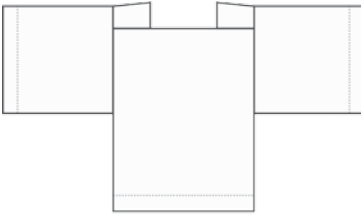


Casulas produzidas
atualmente pela
D&A - Decorações e
Artesanato Litúrgico.
Fonte: Site D&A.

COTA

A cota também deriva da alva, mas é bem mais curta, vai até a cintura, e as mangas, ao cotovelo (LESAGE, 1959). Lesage sugere que se use na sua construção linho branco, cambraia, musselina ou *linon*.

A cota, a sobrepeliz e o roquete são vestes corais, ou seja, quando os membros do clero que “sem serem oficiantes, assistem às cerimônias religiosas, colocam-se no coro junto às estalas, que lhes são destinadas. Devem ter uma veste particular, correspondente à posição que ocupam na hierarquia eclesiástica” (ibidem, p. 83).



Desenho técnico
de cota usada no
século XIX (frente).
Desenho: Juliana
Matsuda.



Seminarista usando
cota em estilo
romano. Disponível
em: <[https://
it.wikipedia.
org/wiki/Cotta_
\(liturgia\)#/media/
File:Priest_or_
seminarian_with_
thurible.jpg](https://it.wikipedia.org/wiki/Cotta_(liturgia)#/media/File:Priest_or_seminarian_with_thurible.jpg)>. Acesso
em: 26 mar. 2016.

Protótipo da cota
usada no século
XIX. Foto: Ronaldo
Gutierrez.



DALMÁTICA

Esta também é uma veste antiga, originada na região da Dalmácia, província grega, na época republicana, de onde vem seu nome. Em Roma, foi veste de classes nobres, como explica Vasconcelos (1959). Por um extenso período a dalmática conservou suas mangas fechadas, e, ao longo do tempo, passaram a ficar abertas, como as que mostramos nas fotos. O uso da dalmática é proibido nos dias de penitência, já que simboliza a salvação, a justiça e a alegria espiritual.

O severo Dom Roulin⁶ explica que

É lógico que essas duas vestes (a dalmática e a túnica) apresentem alguma diferença, por exemplo: que a dalmática seja mais longa e mais ornada que a túnica, que esta seja um pouco mais curta e tenha mangas mais compridas. (...) Quanto à decoração das duas vestes, em vez de estreitos galões paralelos apenas ligados por outro estreito galão, convém usar faixas decorativas semelhantes às da casula, aplicadas até em baixo, lembrando “clavi”. (*apud* VASCONCELOS, 1959, pp. 107-108)

O tecido ideal é seda. As cores da dalmática devem ser iguais às do celebrante e seguir a cor da liturgia. A oração para se vestir a dalmática é: “Vesti-me, Senhor, do manto da salvação e do vestido da alegria e revesti-me sempre da dalmática da justiça” (ROWER, 1928, p. 173).



Dalmáticas em estilos diferentes usadas no século XX, ambas pertencentes à Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei, Minas Gerais. Fotos: Fausto Viana.



⁶ Dom Roulin foi um autor/ abade que em 1931 lançou *Linges, insignes et vêtements liturgiques*.



Acima, protótipo da dalmática usada no século XIX (costas e frente). Fotos: Ronaldo Gutierrez. Abaixo, dalmáticas produzidas atualmente pela D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico. Fonte: Site D&A.



ROQUETE

A cota, o roquete e o sobrepeliz são vestes corais que derivam da alva. Mas o roquete é uma veste especial destinada aos dignitários do clero. Normalmente é ornado de rendas, e foi, até pouco tempo, privilégio de bispos, mas não mais, explicou Lesage (1959).

O roquete nunca é usado sozinho: fica parcialmente descoberto quando o bispo traz a mozeta⁷ e desaparece completamente sob o mantelete que o bispo veste fora de sua diocese e que é veste de coro da maioria dos prelados. A ornamentação do roquete consiste em rendas mais ou menos largas, colocadas embaixo e nos punhos, e por vezes nos ombros. Sob a renda dos punhos, coloca-se geralmente um tecido da cor da batina, isto é, roxo ou vermelho (LESAGE, 1959, p. 84).

Vasconcelos explica que roquete é diminutivo de *roccus*, *rok*, roupa. Tem a mesma forma da alva, mas só desce até os joelhos, e sua diferença da sobrepeliz está nas mangas mais estreitas.



Bispo enverga, por baixo da mozeta, o roquete em imagem contemporânea. Repare, sob o punho, um tecido vermelho, conforme destaca Lesage. Disponível em: <www.salvemaliturgia.com>. Acesso em: 21 fev. 2015. Acima, protótipo do roquete usado no século XIX (frente). Foto: Ronaldo Gutierrez.

⁷ A mozeta ou murça é uma capa curta, que cobre os ombros, uma parte do peito e das costas. Seu uso é restrito aos sacerdotes de hierarquia mais alta da Igreja, como bispos e o próprio papa.

SOBREPELIZ

A sobrepeliz é uma veste ampla, na cor branca, “descendo até os joelhos, de linho, com mangas largas para ser usada sobre a batina ou hábito religioso, por todos os clérigos, substituindo a alva na administração dos sacramentos, procissões e outras solenidades” (VASCONCELOS, 1959, p. 83). É uma alva reduzida, como também o declara Lesage.

Nas regiões frias foi adotada a sobrepeliz, de mangas largas. Quando o aquecimento era desconhecido nas igrejas, o clero usava um agasalho guardado de peles, denominado *pellicum*, peliça. Era normal que a veste de coro fosse bastante ampla para cobrir esse agasalho, de onde o nome super *pellicum*, sobrepeliça, e, por corruptela, sobrepeliz. (LESAGE, 1959, p. 83)

Lesage sugere que na construção da sobrepeliz empregue-se linho branco, cambraia, musselina ou *linon*. Mas Vasconcelos admite que “para os cantores, sacristãos e corinhas pode ser de algodão” (1959, p. 82).

Vasconcelos segue como modelo o abade Dom Roulim, que

fala sobre a beleza de uma sobrepeliz toda de linho, com largas mangas, sem outro ornamento senão as longas dobras. Critica as rendas, assim como os tecidos muito transparentes, dizendo que são próprios do vestuário feminino, mas nunca usados pelo homem. Por que razão então, diz ele, o padre, que é o homem de Deus, os suportará? (1959, p. 83)

Mas as rendas não são condenadas na ornamentação, desde que não sejam nem muito largas, não devendo ultrapassar os 15 ou 20 cm de largura, nem muito finas, pois não se veria seu desenho à distância e seu caimento sobre o tecido que a suporta não ficaria bom. Mas “o crochê é aconselhado, sobretudo para as missões, onde as rendas ou bordados frágeis não teriam quem os consertassem quando rasgados” (idem, p. 85).



Sobrepeliz produzida atualmente pela D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico. Fonte: Site D&A.

TÚNICA

É interessante que todos os pesquisadores de trajes religiosos apontam para a importância de se distinguir alva da túnica e túnica da dalmática. Lesage apresenta o histórico dessa peça de forma precisa:

Os romanos usavam por vezes duas túnicas, uma sobre a outra: a primeira, veste ordinária dos simples servos; a segunda (*colobus*) descia até os joelhos, sem mangas ou com mangas muito curtas. Cremos que a túnica subdiaconal tem sua origem nessa vestimenta em uso na vida corrente, mas reservada para as solenidades como o seria uma alva preciosa. Intermediária, de algum modo, entre a alva e a dalmática, essa túnica denominou-se *linea dalmática* e *dalmatica minor*. No século X, todavia, foi nitidamente diferenciada das outras duas. (1959, pp. 90-91)

A túnica é, pois, um substituto do conjunto alva, amito⁸ e cíngulo⁹! Mas destinada apenas aos subdiáconos. Lesage também esclarece a ornamentação da túnica: “É tradicional a decoração da túnica. Duas listas de tecido vermelho, chamadas *clavi*, descem dos ombros até em baixo, na frente e nas costas. Veem-se frequentemente essas *clavi* representadas nas catacumbas” (idem, p. 92). O tecido recomendado é a seda.



À esquerda, túnica produzida atualmente pela D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico.
Fonte: Site D&A.

À direita, Túnica do século XIV representada em manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris.
Fonte: PLANCHÉ, 2003, p. 509.

⁸ O amito é um tecido que o ministro coloca ao redor do pescoço antes de outras vestes litúrgicas.

⁹ O cíngulo é um cordão com o qual se prende a alva ao redor da cintura.

VÉU UMERAL

Vasconcelos diz que a função desse véu é cobrir os ombros.

Devem ser leves e flexíveis, simplesmente rodeados de galão estreito, podendo terminar nas pontas por uma franja e ter na frente um par de colchetes especiais para se prender sobre o peito. Usa-se nas bênçãos do SS. Sacramento, nas procissões eucarísticas, para levar o Viático¹⁰ ou, nas missas solenes, para o subdiácono levar o cálice da credência para o altar e sustentar com ele a patena do Ofertório até o Pater. Neste caso, o véu umeral deve ser da cor dos paramentos do dia e não precisa ter colchetes na frente. O forro é cor de ouro ou da cor do forro da capa de asperges ou casula. (...) O véu não precisa ser bento. (1959, p. 111)

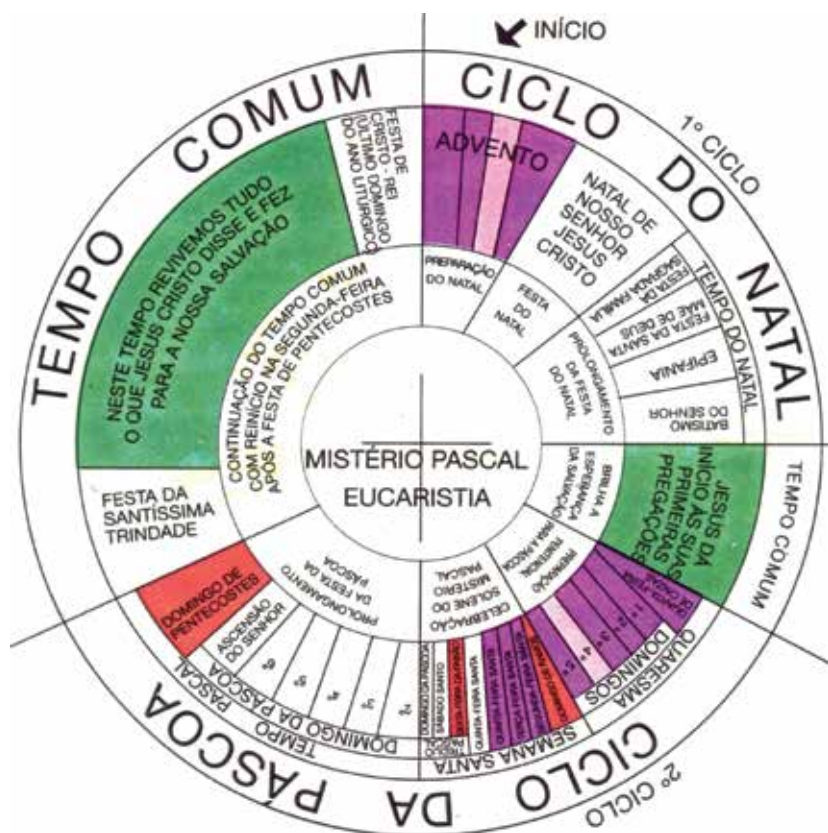


Sacerdote utilizando o véu umeral para evitar o contato das mãos com os instrumentos do altar. Fonte: <www.salvemaliturgia.com>. Acesso em: 13 jul. 2015.

Protótipo do véu umeral do século XIX (frente).
Foto: Ronaldo Gutierrez.



¹⁰ Sacramento da comunhão, a ser ministrado aos enfermos.



As cores do tempo litúrgico.

Fonte: <<http://www.santoantoniiodocaxingui.com.br/wp-content/uploads/2012/12/calendarioLiturgico2.jpg>>.

Acesso em: 13 abr. 2016.

AS CORES DA LITURGIA¹¹

Não é possível trabalhar com os trajes da Igreja se o pesquisador não souber que na liturgia católica há sete cores, que representam as fases do ano.

VERDE – É a cor da esperança. Usa-se no Tempo Comum. (Quando no Tempo Comum se celebra uma festa do Senhor ou dos santos, usa-se então a cor da festa.)

BRANCO ou dourado – Simboliza a vitória, a paz, a alma pura, a alegria. Usa-se na **Quinta-Feira Santa**, na Vigília Pascal do Sábado Santo, em todo o Tempo Pascal, no Natal, no Tempo do Natal, nas festas dos santos (quando não há mártires) e nas festas do Senhor (exceto as da Paixão). É a cor predominante da ressurreição.

ROXO – Simboliza a penitência. Usa-se no Tempo do Advento e da Quaresma. Pode-se também usar nos ofícios e missas pelos mortos. (Quanto ao Advento, está havendo uma tendência de se usar o violeta em vez do roxo, para distingui-lo da Quaresma, pois o Advento é tempo de feliz expectativa e de esperança em um viver sóbrio e não de penitência, como a Quaresma.)

VERMELHO – Simboliza o fogo, o sangue, o amor divino, o martírio. Usa-se no Domingo de Ramos e da Paixão, na Sexta-Feira da Paixão, no Domingo de Pentecostes, nas festas dos apóstolos, dos santos mártires e dos evangelistas.

PRETO – É símbolo de luto. Usa-se nas missas pelos mortos, mas nessas celebrações pode-se usar também o branco, dando-se então ênfase não à dor, mas à ressurreição.

ROSA¹² – Simboliza também a alegria. Usa-se no 3º Domingo do Advento, chamado “Gaudete”, e no 4º Domingo da Quaresma, chamado aqui “Laetare”, ambos domingos da alegria.

¹¹ Veja mais sobre cores em Bailey, 2013, p. 39.

¹² Bailey explica que o rosa é usado em algumas igrejas associado ao fato de Maria ser vista como uma rosa mística.



ALGUNS SÍMBOLOS QUE PODEM SER USADOS NAS VESTES LITÚRGICAS

Detalhe de traje litúrgico
em São João del Rei. Foto:
Fausto Viana.

Uma palavra muito importante há de ser dita antes de se passar para alguns símbolos que podem, seguramente, ser grafados, pintados ou bordados nos trajes litúrgicos, quando for permitido, como vimos nas explicações anteriores.

A Fé Católica, bem como algumas outras crenças do mundo, usa o que for da melhor qualidade na execução do seu ritual, o que se aplica aos objetos, equipamentos e têxteis. Um bom exemplo disso são as toalhas do altar, que, idealmente, não deveriam nunca ser rasgadas e costuradas. A explicação para isso está na simbologia. Todas as toalhas, por exemplo, estão colocadas a serviço de um deus soberano, perfeito. Uma toalha de linho é um dos produtos transformados pela mão do homem: o linho rústico, a planta colhida, é trabalhada e torna-se um objeto de vínculo com Deus, para que, simbolicamente, se possa adorá-lo, para citar apenas um exemplo.

O mesmo aplica-se aos paramentos, aos trajes usados nos rituais litúrgicos, todos plenos de significado e conteúdo. Nunca devem estar rasgados, sujos, mal guardados – são instrumentos importantes dentro de um rito e devem ser tratados como tal. A túnica de Jesus, por exemplo, é descrita como uma túnica sem costura, tecida em uma peça só. Simbolicamente, representa a ligação direta e pura com Deus, já que para os cristãos, Jesus é o Filho Perfeito de Deus. Sem costuras, sem emendas. E se os têxteis são o assunto, no momento em que Jesus morreu, o véu do templo se rasgou – simbolizando a ruptura entre Deus e os homens, que mataram o seu enviado.

O assunto “têxteis”, na Bíblia, livro sagrado não só do catolicismo como de outras religiões, oferece ideias interessantes para estudos diversos sobre o tema. E a crença dos católicos também.

É um ato de fé para alguns católicos a doação de bens para a Igreja, para que possam ser usados no ritual da missa e em todos os outros. Assim, um fiel pode ficar responsável por todo um conjunto de paramentos para agradecer por uma graça, uma bênção alcançada.

No Brasil a prática ainda é, como foi no século XIX, muito comum. Pode ser uma peça só, uma casula, uma dalmática, como também podem ser conjuntos inteiros, em cores específicas da liturgia. Se era comum no século XIX, imagine-se como era em Portugal, país fervorosamente católico – trata-se aqui dos hábitos dos praticantes, não os prós e os contras de ser católico. Lá, pode-se ver coleções inteiras de paramentos de todas as cores na mesma igreja, como na Igreja da Sé ou na Igreja de São Roque, ambas em Lisboa.

No Brasil, há coleções de paramentos religiosos em Mariana, Minas Gerais, dos séculos XVIII e XIX nos mais diversos materiais: sedas, veludos, cetins, todo o tipo de tecidos caros e com os acabamentos mais requintados que se possa imaginar; tecidos matizados com motivos florais importados do Japão no século XIX; trajes bordados com fios de prata e ouro, pedras preciosas e os mais diferentes acabamentos, como galões metálicos; rendas de maior e menor qualidade. A criatividade cristã parece superar em muito a modéstia sugerida nos manuais de liturgia. Há trajes vindos da França, da Espanha, da Itália.

Assim, os símbolos apresentados abaixo são alguns exemplos mais tradicionais empregados, e que certamente foram usados em paramentos do século XIX. Mas é importante lembrar que uma casula poderia ter um tecido tão bordado, tão rico, que talvez não houvesse espaço para acrescentar uma cruz bordada no tecido. Porém, isso não reduzia nem o seu valor artístico nem ritualístico, ainda que muitos sacerdotes não aprovelem os exageros decorativos.

Símbolo	Definição	Representação	Exemplo
IHS	Iniciais das palavras latinas Iesus Hominum Salvator, que significam: Jesus Salvador dos Homens. São empregadas sempre em paramentos litúrgicos, em portas de sacrário e nas hóstias.		
			Na casula acima, do fim do século XIX, nota-se o belo trabalho de bordado francês e a qualidade do tecido. Foto: Fausto Viana.
			
			O mesmo símbolo trabalhado em casula contemporânea. O que é interessante aqui é uma prática comum: o reaproveitamento de partes de outros trajes. Neste caso, o lírio foi aplicado na peça posteriormente. Foto: Fausto Viana.

Símbolo	Definição	Representação	Exemplo
ALFA E ÔMEGA	Primeira e última letra do alfabeto grego. No Cristianismo, aplicam-se a Cristo, princípio e fim de todas as coisas.		
			Bordado em linha dourada sobre fundo vermelho. Foto: Fausto Viana.
XP	Estas letras, do alfabeto grego, correspondem em português a C e R. Unidas, formam as iniciais da palavra CRISTOS (Cristo). Esta significação simbólica é, porém, ignorada por muitos.		
			As letras XP em adamecado de seda, com aplicação de pedraria (século XX (?)). Foto: Fausto Viana.
TRIÂNGULO	Com seus três ângulos iguais (equilátero), o triângulo simboliza a Santíssima Trindade. Não é muito usado no Brasil.		
			Exemplo de bordado atual. Este é de uma pala da D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico.
Cordeiro de Deus	Representa o Cordeiro de Deus, que é Jesus.		
			Exemplo de bordado atual. Este exemplo é de uma pala da D&A – Decorações e Artesanato Litúrgico.

Divino Espírito Santo	A pomba representa o Espírito Santo de Deus descendo à Terra.		
			Este símbolo está em uma capa pluvial do século XX, em São João del Rei, Minas Gerais. Foto: Fausto Viana.
Cálice com a hóstia	Representa o corpo e o sangue de Jesus.		
			Exemplo de utilização do cálice com a hóstia em bordado dourado sobre fundo vermelho.
Pão e peixe	Simboliza o milagre da multiplicação dos peixes e dos pães, feito por Jesus.		
			Exemplo de utilização do pão e do peixe em traje contemporâneo. Foto: Fausto Viana.
Pelicano eucarístico	O pelicano representa o sacrifício de Jesus, pois na falta de peixes para alimentar os filhotes, o pelicano bica o próprio peito e oferece sua carne e seu sangue para os filhos.		
			O pelicano, provavelmente retirado de uma peça do século XIX, foi aplicado em uma capa pluvial contemporânea. Foto: Fausto Viana.



Um altar mineiro bastante enfeitado, durante as celebrações da Semana Santa. Veja que há uma toalha branca, discreta, com uma borda feita de tule bordado.

Foto: Fausto Viana.

OS LINHOS DE ALTAR

A Irmã Vasconcelos, em *Vestes litúrgicas e linhos do altar* (1956), faz a seguinte divisão:

- Vestimentas sagradas de linho, incluem o amito e a alva. O amito é um traje feito de linho branco que fica amarrado ao peito do sacerdote, e “é um véu que representa uma armadura que protege o coração contra os vãos pensamentos, uma defesa contra a mentira dos lábios e um escudo sobre o qual a alma se abriga contra os golpes da concupiscência” (idem, p. 73).

- Linhos sagrados, nos quais ela inclui as toalhas de altar, o corporal, a pala e o sanguinho.

O Concílio Vaticano II abriu exceções no rito, simplificando os paramentos. A Irmã Vasconcelos, no entanto, dizia em 1956 que

para as vestimentas ou linhos sagrados que servem diretamente no Santo Sacrifício, isto é, o amito, a alva, as toalhas do altar, o corporal, a pala e o purificador ou sanguinho, o tecido prescrito pela Igreja é o linho ou cânhamo. Todo e qualquer tecido semelhante, mas feito com outra matéria, é rigorosamente excluído. (idem, p. 58)

As toalhas de altar, para ela, são três. Duas curtas, que cobrem apenas o altar. Essas duas podem ser apenas uma, mas dobrada fazendo duas camadas. “A terceira, que fica por cima, será bastante comprida, pois deve cair até o chão, dos dois lados, mas não na frente do altar, a não ser uns 10cms, quando o altar não é ornado”, ela explica (idem, p. 60), acrescentando que o simbolismo das toalhas é que elas são as vestes do altar, “representam os fiéis unidos ao Cristo, assim como o altar representa o Cristo, nossa Hóstia, nosso Sacerdote e nosso verdadeiro Altar” (idem, p. 62).

Não se deve confundir as toalhas de altar, que devem ser brancas pelo seu significado espiritual, com o *antependium* (do latim, quer dizer “pendurado na frente”). Este é uma decoração e sua cor pode variar de acordo com a cor do tempo litúrgico.

O corporal, segundo Vasconcelos, “e destinado a receber o corpo do Senhor, (...) é um tecido que representa o mistério dos linhos da infância de N.S.J.C. e os lençóis da sepultura” (idem, p. 64). Tem cerca de 50 cm² e fica dobrado em nove partes, para ser colocado sob “o cálice, a patena e os cibórios”, de acordo com Florcovski¹³.

¹³ André Florcovski é um seminarista que mantém o blog Pílulas Litúrgicas. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/03191595138685074897>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

A *pala* (do latim, quer dizer “manto, cobertura”) é um linho quadrado usado para cobrir o cálice durante a missa. O símbolo é o mesmo do corporal.

O sanguinho, sanguíneo ou purificador é usado para enxugar o cálice. É um tecido com cerca de 35 cm de largura por 50 cm de comprimento. Deve ser dobrado em três e colocado sobre o cálice, com as pontas pendentes.

Há outros linhos usados no rito, mas não são sagrados como os vistos até aqui. O manustérgio é um deles e é usado pelo celebrante para enxugar as mãos, “depois do Ofertório, (...) e na missa solene depois de incensar o altar. Serve também no batismo, para enxugar a cabeça da criança” (VASCONCELOS, 1956, p. 70).

Há ainda outras toalhas não sagradas, como aponta a Irmã Vasconcelos: “Toalhas de comunhão, da credência, as duas da sacristia, uma para antes, outra para depois da missa, e o crismal para os batizados”, para os quais, segundo ela, “a confecção não depende de regras tão rigorosas como as outras” (idem, p.72).





A sacristia da Igreja do Pilar, em São João del Rei, Minas Gerais. Aqui, eles só guardam trajes que usam sempre. Os trajes históricos ficam em outro lugar. Foto: Fausto Viana.

COMO CONSERVAR OS TÊXTEIS DA IGREJA

Uma conversa ao pé do altar

Na introdução deste trabalho, falamos que o livro é dedicado aos guardiões de peças importantes da Igreja e que têm sob sua guarda e proteção trajes que precisam ser conservados, pois são patrimônio vivo da cultura brasileira.

Nossa conversa tem que ser simples: não é um diálogo com técnicos de conservação e restauro profissionais. Tanto que achamos que o ideal seria chamar esta seção do livro de “Conversa ao pé do fogão” – sabe aquele momento de horas folgadas, em que o tempo corre livre e nós tomamos um cafezinho ou um chá de erva-cidreira, com biscoitos de polvilho, de nata ou uma gostosura qualquer, e isso anima a conversa? O espírito é mais ou menos esse, só que não podemos nem comer nem beber quando estamos trabalhando com têxteis! Então, virou conversa ao pé do altar.

Tudo o que vamos dizer aqui é para ajudar a segurar o trabalho enquanto um profissional não chega para auxiliar. E às vezes chega tarde demais: as roupas já estão perdidas!

Aqui, em sequência, vamos ver:

1. Procedimentos de segurança
2. O local de trabalho com os têxteis
3. Seleção do acervo
4. Limpeza do acervo
5. Fazendo um pequeno inventário
6. Caixas ou cabides?
7. Como guardar em caixas
8. Local para guardar os trajes

1. Procedimentos de segurança: cuide-se antes de cuidar!



Sempre procure trabalhar usando luvas (de látex, descartável, ou de algodão, que dá para lavar), máscara (descartável ou de tecido) e uma touca para o cabelo (idem). É bom para os dois lados:

Para você, que não estará em contato com a sujeira que está na roupa – e acredite, ela pode trazer sujeiras muito perigosas.

Para o tecido ou a peça que não vai ficar com sujeira da sua mão.

Nós nos acostumamos com tudo. Devagar, vá trabalhando, e quando menos perceber, já estará acostumado com o “equipamento”. Não tem isso de “Ah, esquentou!”, “Ui, não aguento!”, “Ai, que coceira!”. É bom para a sua saúde.

Não coma nem beba líquidos enquanto trabalha na sala com os tecidos. Não ponha a mão na boca ou nos olhos. Deu coceira? Tire as luvas, lave as mãos e *depois*, com as mãos limpas, lave os olhos com delicadeza. Não coce os olhos com as mãos sujas! Nem o nariz. Lave as mãos e *depois* lave o nariz.

Sabe como eu faço, já que sou muito alérgico? Lavo as mãos bem lavadas, faço uma concha com a mão, ponho água limpa de garrafinha e inspiro um pouco da água e assoo o nariz, três ou quatro vezes. Depois enxugo com papel. E respiro aliviado!



Bichinhos de estimação, como cachorros, pássaros e outros, não podem ficar no mesmo ambiente. De novo, é bom para os dois lados: o cachorro não se expõe a riscos por causa dos produtos do tecido e o tecido não fica com pelos, pulgas, xixi...

2. O local de trabalho com os têxteis



Procure sempre trabalhar em ambiente limpo e arejado, com boa ventilação, em local que você se sinta bem. Arrume ou monte uma mesa de cavaletes, fácil de transportar e carregar, e prepare as bordas da mesa com fita crepe – cubra a borda toda, para evitar que a roupa enganche e rasgue nos cantos da mesa. Nós sempre mandamos cortar uma chapa de MDF no meio para o uso, porque ela fica bem fácil de limpar. Não dá para usar compensado comum sem forrar – na hora de limpar, vai virar uma sujeira sem fim, que acaba passando para a roupa. Se não der para colocar fórmica, compre plástico transparente mais grosso usado para toalha de mesa e grampeie o “tampo” da sua mesa pelas laterais. Fica fácil de limpar também. A cada nova roupa que você for higienizar, passe álcool com uma folha de papel-toalha na mesa e espere secar, para só depois começar a próxima peça. Não use plástico do tipo oleado (aquele com estampa de flores ou frutas) porque a cor sai na hora da limpeza com álcool e pode passar para o traje.



Se der e a sua coleção tiver muitas peças, monte duas mesas. Uma fica como auxiliar e a outra se torna a mesa principal.

3. Seleção do acervo



A primeira coisa a ser pensada é: **quais roupas, tecidos e outros itens que vou guardar?**

Isso se chama **política do acervo**. O que fica quando você avalia as peças para pensar em como limpar, conservar, armazenar e garantir sua durabilidade para o futuro. Muitas pessoas acham que devem guardar tudo o que for possível, mas não é bem assim. Tudo tem um custo: de trabalho, de verba para fazer os procedimentos, de limpeza...

Tudo que está guardado tem que ser avaliado. Não hesite em despachar o material que você tem certeza de que não deveria estar nessa coleção. O seu bom senso vai direcionar a peça. Se for, por exemplo, um traje histórico, mas não religioso, encaminhe para um museu ou colecionador que possa cuidar dele. Outras peças, como roupas comuns que eram para doação e ficaram guardadas devem seguir o seu destino: mande embora para alguém que precise.

Mas tudo tem uma exceção: encontrou uma peça de roupa que não sabe o que é ou de onde veio, reserve. Procure saber o que é antes de doar e cometer um erro. Há coisas que nós não conhecemos mesmo, nem sabemos o que é. O melhor é buscar informação.

Depois, quais entre elas precisam de mais cuidado, por seu estado de fragilidade, ou beleza, ou valor financeiro... Sempre com cautela – não danifique as peças justamente na hora de cuidar delas.

Uma dica: panos de prato, de chão, toalhas da festa da primeira comunhão e outros itens da igreja não deveriam ficar juntos com os tecidos litúrgicos. Não só por uma questão de respeito com os objetos ritualísticos, mas por serem de natureza muito distinta. Pano de chão fica cheio de sujeira... do chão! Os de prato, de vários tipos. Mas use o bom senso: pano de prato fica junto com pano de chão? Nem pensar, não é? Cada coisa em seu lugar!

4. Limpeza do acervo



Aqui, vamos dar sugestões gerais de limpeza antes de qualquer outro procedimento.

ATENÇÃO:

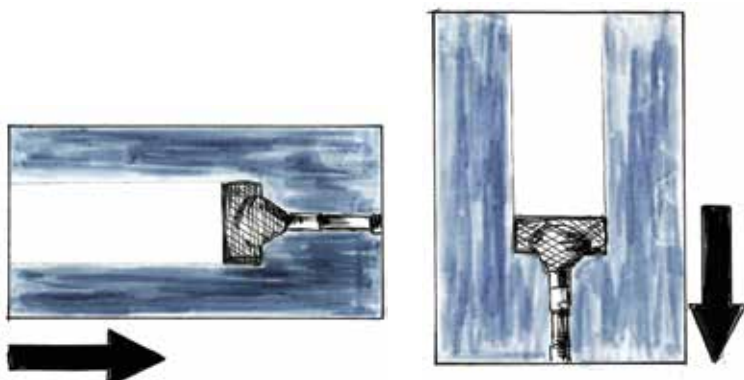
SE A PEÇA ESTIVER MUITO DANIFICADA, COM PARTES SOLTAS E MUITO DELICADAS, NÃO USE ESTA TÉCNICA DE MANEIRA ALGUMA. SE A PEÇA TIVER PEQUENOS FRAGMENTOS RASGADOS, PEDACINHOS DE TECIDO OU ESTIVER SE DESMANCHANDO, NÃO MEXA. PROCURE UMA CAIXA DE TAMANHO ADEQUADO, OU FAÇA UMA COMO VAMOS ENSINAR ADIANTE, E GUARDE. É UM TRABALHO PARA PROFISSIONAIS.

LIMPEZA BEM SIMPLES, SEM ÁGUA, COM RISCO QUASE ZERO

Com todo o equipamento de proteção (luva, máscara e touca), escolha um pincel de pelos bem macios, em medida que vai variar de acordo com o tamanho e a delicadeza da peça. **Retire todos os alfinetes e peças estranhas à roupa, com cuidado.** Guarde eventuais papeizinhos com anotações – eles podem dar a pista de onde a peça veio.

Comece a limpeza de cima para baixo e da esquerda para a direita (se você for canhoto ou achar melhor, inverta: vá da direita para a esquerda). O importante é não repassar por cima da área que já limpou). Muito sutilmente, vá passando o pincel e retirando as sujidades que estiverem presas ao tecido. Leve a sujeira toda para um canto só da mesa, para que não volte ao tecido, e depois limpe a mesa. Calma e delicadeza são as palavras-chave para este trabalho, o tempo todo.

Recomendada para: peças com sujeiras maiores, sólidas e pó, ou para aquelas que vão ser guardadas e não podem ser lavadas, ou você não sabe se podem ser lavadas.

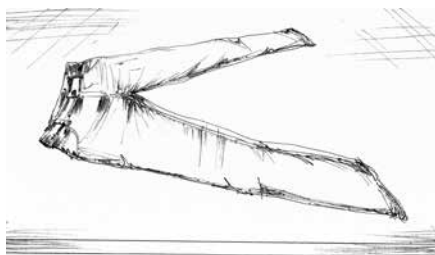


LIMPEZA MAIS PROFUNDA, COM ASPIRADOR ELÉTRICO, QUE EXIGE CUIDADO E TREINAMENTO



Antes de iniciar estes procedimentos em uma “roupa de verdade”, da sua igreja, treine em panos mais pesados porque se você errar alguma etapa, não tem problema. Use as suas próprias roupas do dia a dia. Você vai ter que aprender a regular a intensidade do ar, a sua força, conferir o resultado, ver como vai lidar com esta técnica. Não hesite em pedir para outra pessoa fazer, se achar que não dará conta. Talvez seja na limpeza com o pincel que você vai se destacar e ser um mestre da limpeza!

Começando: coloque a peça bem acomodada em cima da mesa, com todo cuidado. **ATENÇÃO: A PEÇA TEM QUE ESTAR EM ÓTIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO.** Se não estiver, não mexa e guarde-a em uma caixa, como já falamos.



Treine em uma calça jeans e depois vá procurando peças mais delicadas, chegando a uma blusa de seda antes de começar nas peças da sua coleção. Não puxe e não estique demais. De novo, trabalhe com calma e tranquilidade.

O aspirador que você vai usar pode ser um fabricado na Inglaterra só para isso, de uma empresa de restauração? Claro que sim, e é o mais indicado! Esses aspiradores permitem que nós tenhamos controle da sucção, de mais fraca para mais forte, e mesmo a mais forte não danifica o tecido.

Isso é importante porque as peças da igreja, às vezes, são decoradas com bordados, peças pequenas, contas, pérolas e outros materiais que as pessoas querem usar para demonstrar suas habilidades artísticas. Esses aspiradores vão ajudar muito a limpar tudo sem estragar a peça ou arrancar partes com o excesso de sucção.

Mas e se você estiver sem verba e sem possibilidade de comprar um aspirador inglês ou um suco?

Aí vamos usar um de limpeza caseira mesmo. De qualquer marca.



Há pessoas muito habilidosas que trabalham com motores no país todo. Uma boa ideia é falar com uma dessas pessoas e pedir ajuda para diminuir a potência do motor do seu aspirador. Porque esta é a principal desvantagem do aspirador de pó caseiro: ele é muito forte e vai danificar sua peça mais delicada. Como a essa altura você já treinou bastante, vai saber explicar qual a intensidade ideal, ou lançar o desafio para o regulador de motores: que ele coloque um regulador de intensidade, como nos ventiladores de teto, que tem aquele botão na parede para girar mais rápido ou mais devagar. Então! Tem muita gente que adora um desafio e uma experiência diferente. Tem gente que não vai nem cobrar, se você explicar direitinho para o que é. Sair da rotina é uma delícia para muitos profissionais.

Mesmo que isso não aconteça, não vamos deixar de usar o aspirador para limpar os têxteis. É só diminuir a intensidade da sucção de uma maneira bem simples: furando a mangueira do aspirador várias vezes, até ficar em um nível

de sucção bom. Para continuar usando na limpeza da sua casa, compre uma outra mangueira nova e não fure. O preço é bom, não fica caro.

Use uma tesoura para furar a mangueira – e cuidado com a mão.



Antes de começar, amarre, com um fio ou uma fita crepe, um tule ou filó (depende da delicadeza da peça que você vai limpar) na ponta do aspirador, assim:



O vão entre os furos do tule ou do filó vai depender da peça que você for limpar. O tule serve justamente para evitar que o aspirador “engula as peças menores”. Se uma pecinha menor soltar, coloque-a em um saquinho com fecho hermético e guarde junto com a peça. Terminou a limpeza, prenda (costure, se possível) ou peça para alguém prender de novo no lugar. **Nada de cola ou cola quente** – tudo isso vai prejudicar seu traje. É melhor prender o saquinho com a peça no cabide ou na caixa do que fazer um trabalho desastroso. De preferência, não use alfinete diretamente na peça – a maior parte dos alfinetes enferruja e daí deixa a mancha no tecido.

Na peça que você vai limpar, comece como a limpeza com o pincel – de cima para baixo e da esquerda para a direita. Escolha a ponta que achar melhor – para áreas (ou peças) maiores, pontas grandes; para áreas menores, pontas pequenas. Cada pessoa vai descobrindo como prefere. O importante é proteger a peça que está sendo limpa, sempre.



A ponta do aspirador não deve encostar na peça, de maneira geral. **NEM A SUA MÃO DEVE FICAR APOIADA NO TECIDO!** Claro, se você estiver aspirando uma cortina da sacristia, feita de veludo de algodão, bem pesada e em condições de manutenção boas, é possível.

Mas e uma casula delicada, de seda bordada? E se tiver pedraria ou bordados em pérola e metal?

Aí não dá. Porque o atrito da ponta do aspirador com o tecido vai rasgar a seda, arrancar a pedraria...

Neste caso, limpe primeiro com pincel a parte que não é de tecido. Procure colocar uma folha de papel de modo que a sujeira caia na folha, e não diretamente no tecido. “Cerque” o trabalho que você está limpando – e com o pincel, remova a sujeira. A ideia é não ter que limpar a mesma sujeira duas vezes. Terminou, remova o papel com cuidado e descarte-o.



ATENÇÃO:

NÃO PASSE ÁGUA, BICARBONATO, SAL, AÇÚCAR, LIMPADOR LÍQUIDO PARA METAIS, PASTA DE DENTE (!!!) OU QUALQUER OUTRO PRODUTO QUE DIGAM QUE É BOM PARA LIMPAR PEDRARIA OU FIOS METÁLICOS. NÃO MEXA NISSO: ESSE TRABALHO TEM QUE SER FEITO POR UM PROFISSIONAL HABILITADO – DÁ UMA MÃO DE OBRA ENORME E O RISCO DE ESTRAGAR O TECIDO DE MANEIRA PERMANENTE EXISTE. APENAS REMOVA O PÓ E AS SUJIDADES MAIORES.

Aspire a peça toda, sem deixar nenhum pedaço sem limpar. Frente e verso. Manipule a peça com cuidado. Terminou o lado de fora, vire e faça o lado de dentro, da mesma maneira, nas duas faces internas. O lado de dentro não pode ficar sujo.

Muita gente prefere limpar o lado de dentro primeiro e depois o de fora. Você pode escolher como deseja trabalhar.

Perguntas e respostas:

Eu quero lavar tudo com água e sabão. Posso?

Tudo? Isso é um assunto delicado. A maior parte dos tecidos pode ser lavada, mas muitos cuidados são necessários: faça um teste de cor, em uma pontinha ou no verso do tecido, para ver se descora. Se soltar tinta ou cor, não lave. E não acredite que não solta tinta fazendo o teste só no tecido principal, por exemplo, em uma capa pluvial. Se tem bordados, teste os fios do bordado. Se eles soltam tinta, vão manchar o tecido todo. Se o traje tiver bordados metálicos, não lave de maneira alguma. Peça ajuda profissional.

Agora, as toalhas de altar brancas e outros tecidos “mais simples” e sem grandes decorações podem ser lavados sim. Use sempre um sabão neutro. O mais fácil é sabão de coco. Os sabões industrializados, de forma geral, têm alvejante, sabia? Evite. E lembre-se do respeito que estas toalhas exigem, segundo a Igreja! E mais uma vez: bom senso. Se acha que não deve fazer, não faça mesmo. Busque informações, se instrua, troque ideias com profissionais. Na dúvida, o melhor é não fazer nada.

NÃO USE ANIL, NÃO ENGOME, NEM PASSE A FERRO AS ROUPAS QUE VÃO FICAR GUARDADAS!

Posso usar alvejante com ou sem cloro?

Não, não deve. A agressão ao tecido é bem grande. Se for um tecido ou um traje histórico, então, nem pensar. Combinado?

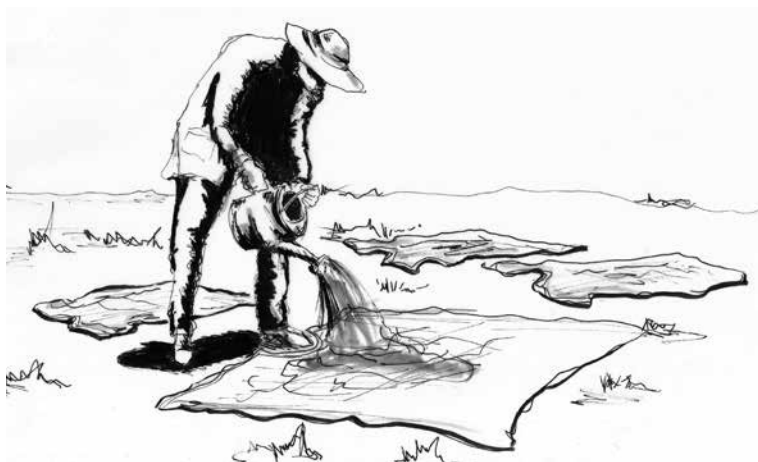
E colocar para quarar?

A senhora achou que eu nem soubesse o que era “pôr para quarar”,

né? Pôr para quarar é bem comum no interior do país e nada mais é do que lavar o tecido **branco**, deixar com sabão e colocar no sol, para ficar mais branco. Em uma bacia ou em cima de um gramado, e aí vai “regando” conforme a peça seca. Para tecidos grossos, brancos e novos, tudo bem. Para tecidos históricos, melhor não.

Aqui na minha igreja, nós temos dinheiro. O que você acha que devemos fazer com os nossos tecidos e trajes?

Trazer um profissional para ajudar ou então enviar, no caso das lavagens, para empresas especializadas. Essas empresas sabem lidar com os tecidos históricos e vão se recusar a fazer o serviço se for muito perigoso. Daí o caso é procurar um restaurador para lidar com o tecido ou traje.



5. Fazendo um pequeno inventário

Sabe uma das coisas mais difíceis de descobrir? De onde a peça veio! Na hora de receber o traje, procure obter o máximo de informações possível. O mínimo que nós temos que descobrir são estes dados: tipo de objeto, pequena descrição dele, como entrou para a coleção, a origem, a data de aquisição e onde o objeto vai ficar guardado.

Faça em um caderno, escreva à mão mesmo, um registro da peça. Ou faça no computador uma ficha que você vai imprimir depois e deixar guardada em uma pasta – nós não confiamos só no computador, nós imprimimos uma ficha. Se sumir a informação do computador, nós temos a segurança das informações da peça. Veja como vai funcionar melhor para você e capriche na letra, para que todos possam ler.

No Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia da USP nós temos uma ficha bem mais elaborada, mas vamos usar uma simples aqui só para uma ideia ou exemplo.

	Número da peça: _____
	Data das informações: _____ Preenchido por: _____
Tipo de objeto:	FOTOS
Breve descrição:	
Método de aquisição:	
Origem:	
Data de entrada no acervo:	
Local onde está guardado:	
Informações adicionais:	

Vamos usar como exemplo uma peça curiosa que foi doada ao Núcleo: um vestido de noiva em miniatura.

A peça foi limpa, cuidada, e agora vai ser fotografada. Vamos anotar o que for possível sobre ela. A fotografia da peça deve ser em fundo neutro, para que quem for consultar a peça possa ter ideia das cores e dos detalhes. Eu preparo sempre um fundo preto e um branco (um dos dois vai servir), com um prego ou gancho para pendurar o cabide. Uso sempre o cabide porque é mais rápido, se tiver muitas peças para fazer, ou um manequim. Mas o cuidado tem que ser triplicado – na hora de vestir o manequim, a roupa pode rasgar. Se for uma peça frágil, fotografe na mesa mesmo, sem pendurar.

O fundo pode ser um TNT ou um papel, preto ou branco. Aqueles fundos infinitos de estúdio de fotografia também permitem imagens lindas.



E agora, vamos para a ficha.

	Número da peça: 00239	
Data das informações: 23/ 1/ 2016 Preenchido por: <i>Isabel Italiano</i>		
Tipo de objeto: <i>Vestido de noiva para boneca</i>		FOTOS
Breve descrição: <i>Vestido branco de noiva, de organdi, forrado, com detalhes bordados em lantejoulas brancas, formando motivos florais e arabescos. Restam algumas pérolas decorativas, em diversos formatos. Foi feito em 1962.</i>		
Método de aquisição: <i>Doação de Fausto Viana.</i>		
Origem: <i>São Paulo, estado de São Paulo.</i>		
Data de entrada no acervo: <i>12 de março de 2015.</i>		
Local onde está guardado: <i>Armário 27, Caixa 72, sala 81 do Prédio do Ciclo Básico.</i>		
Informações adicionais: O doador informou que o vestido é uma réplica do vestido de casamento da mãe dele, feito pela mesma costureira na mesma data e usado para decorar uma boneca que ficava na mesa do bolo na festa. Foi um presente do tio dele para a irmã (mãe do doador), em 1961. A festa do casamento foi em 6 de janeiro de 1962, na Igreja Nossa Senhora Saleté, em Santana, São Paulo, capital. O traje está bem conservado, ainda que faltem partes da decoração em pérolas, que caíram.		

Quanto mais informações, melhor, mais rica fica a trajetória daquele traje. O número da peça vai seguir a sua ordem de trabalho, provavelmente. Escreva a data em que você colocou as informações e diga que foi você, para as pessoas poderem se orientar no futuro. Tipo de objeto vai ser casula, capa pluvial, amito, cruz, etc., no seu caso. Descreva brevemente a peça. Ela foi comprada, foi doação, é um empréstimo? Se possível, ponha a nota fiscal junto, para saber de que loja veio. Detalhe bem. De onde veio, qual a sua origem? É uma casula francesa, do século XIX? Explique. Quando chegou na coleção ou no acervo? Onde está guardada? Termine oferecendo tudo que souber sobre a peça, para ajudar os pesquisadores no futuro. Tem uma foto do padre usando a casula? Coloque. Uma capa pluvial na procissão do Santíssimo? Coloque!

Na próxima edição deste livro, queremos usar uma ficha feita na sua igreja, com a sua coleção de trajes litúrgicos, então... Capriche!

6. Caixas ou cabides?

De forma geral, tudo pode ir na caixa, mas nem tudo pode ser pendurado em cabide. As questões que mais preocupam neste caso são o peso da peça e o estado de conservação.

Se a peça é pesada, mas resistente, ela pode ir no cabide sim, mas faça um como indicaremos a seguir. Ela vai ficar bem posicionada, não vai haver tração forte por causa do peso dos bordados, por exemplo, puxando para baixo. É isso que danifica a peça. A vantagem do cabide é que ele ocupa menos espaço físico na hora de armazenar os trajes. Custa menos também e é de mais fácil produção: uma pessoa habilidosa faz muitos em um dia só!

O CABIDE

(sempre de plástico, nunca de madeira)



O material necessário: um cabide de plástico, espuma em várias espessuras, linha crua não alvejada e agulha. A espuma vai variar de tamanho conforme a peça que você vai pendurar no cabide: uma capa pluvial, por exemplo, mais pesada, precisa de um cabide com espuma mais larga, para não ficar com dobras no ombro. Uma casula simples pede um cabide talvez feito com manta acrílica, apenas, pois não tem costuras muito elaboradas.



Para tirar o molde do cabide, colocamos o papel, como mostra a foto ao lado, riscamos e cortamos duplo, como na figura a seguir.



O furo é para passar o gancho do cabide.



Corte na espuma da sua necessidade. Prenda em cima com alfinetes e depois costure nas laterais. Eu faço este trabalho à mão, mas tem gente que faz à máquina. Terminou de costurar, tire os alfinetes.



Corte um pedaço da malha cirúrgica e cubra o cabide todo, incluindo a espuma. Há malhas cirúrgicas em diversos tamanhos: 10, 15 ou 20 cm. Eu compro várias, porque são baratas, e vou usando de acordo com o tamanho do cabide que estou fazendo. Ela estica e fica tudo bem acabado. Daí eu arremato, à mão, as pontas, deixando bem-feito e sem risco de a roupa enrolar nas pontas do cabide.

	Veja que bem-feito este trabalho executado no Museu da Polícia Militar, em São Paulo. Deixaram inclusive um suporte no pescoço para a gola, já que foi feito para uma farda que tem gola rígida.
	Outro bom exemplo. Este é do Museu do Traje, de Madri, na Espanha. O primeiro traje está em um cabide simples, só forrado por dentro para a peça não entrar em contato com o plástico.
	

Nos dois exemplos, o cabide estruturado é uma ótima sustentação para as peças que ficam o tempo todo caindo dos cabides normais.

A CAIXA

A grande vantagem da caixa é que o traje não vai sentir tração nenhuma em função do peso, pois vai estar acomodado. Em contrapartida, a caixa ocupa muito espaço físico. E se ela for menor que o objeto que está sendo guardado, o cuidado tem que ser redobrado, pois cada dobra da peça tem que receber um suporte para que não vinque ou dobre e a fibra do tecido se parta ali.

Há muitos modelos de caixas já prontas e especialmente feitas para museus, em papel neutro, *acid free*.



Caixas já prontas, em diversos tamanhos, especiais para museus. O problema? O preço. São caras.

As caixas prontas são normalmente importadas e há empresas no Brasil que já as comercializam. São muito boas porque são neutras, leves, aguentam bem serem empilhadas e são bem fechadas, o que garante que não vai entrar pó e talvez nenhum inseto.

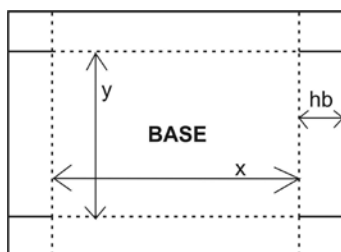
Há uma alternativa barata que é fazer a sua caixa. Comprar as placas de plástico polionda, aquele usado para fazer caixas-arquivo e pastas que nós usamos no cotidiano e cortar nas medidas necessárias.



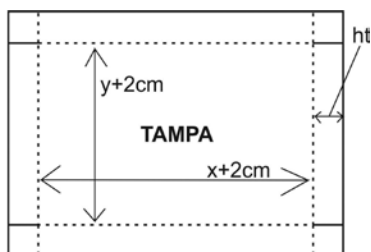
Estas caixas podem ser feitas em qualquer medida. As vantagens: muito baratas e dá para cortar no tamanho que você precisar. A desvantagem: elas sujam mais rápido, porque têm aberturas nas laterais, do próprio polionda.

A execução da caixa é bem simples. Meça o tamanho da peça que você deseja guardar. Deixe cerca de 3 cm de cada lado, na base, para que a peça fique bem acomodada – lembre-se sempre de forrar a caixa por dentro com papel *acid free*, Tyvek® (DuPont) ou TNT, que é mais barato.

Marque a base e depois adicione a altura da caixa que você deseja. A tampa tem que ser maior, não se esqueça: se você fizer na mesma medida, não vai fechar. Deixe 1 cm a mais em cada lado. Muito mais que isso, fica um espaço enorme e pequenos insetos podem entrar.

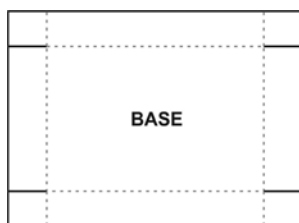


x = comprimento da caixa
 y = largura da caixa
 hb = altura da caixa



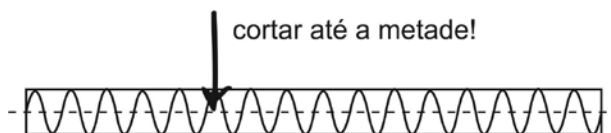
$x+2\text{ cm}$ = comprimento da caixa mais 1 cm em cada lado
 $y+2\text{ cm}$ = largura da caixa mais 1 cm em cada lado
 ht = altura da tampa

Corte nos locais indicados, que é onde você vai dobrar. Corte até o fundo, com estilete, mas não separe as peças.

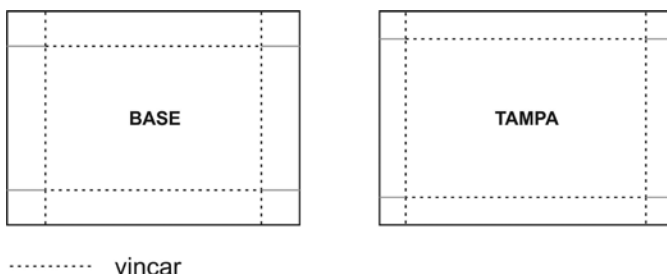


—— cortar

Agora, a parte mais delicada desta montagem: passe o estilete só um pouco, sem apertar até o fim. A ideia é só fazer um corte superficial para depois dobrar. Alguns plásticos polionda são fáceis de dobrar, sem cortar mesmo. Teste antes, vai dar muito menos trabalho. Basta encostar a régua, devagar, e dobrar o plástico. Fica certinho. Pode-se usar também uma borda da mesa para dobrar.

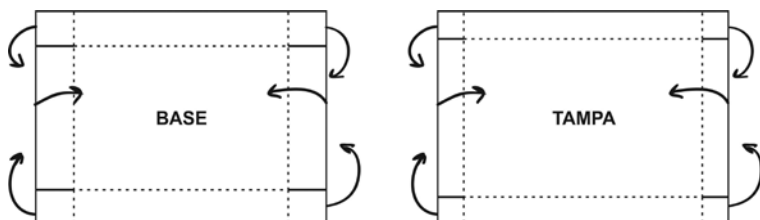


Espessura da chapa de polionda – cortar só até a metade!



Atenção: estes cortes são rasos, na metade da espessura da placa de polionda. Não corte até o fim, senão separa tudo! Se for possível vincar, só vinque e monte a caixa.

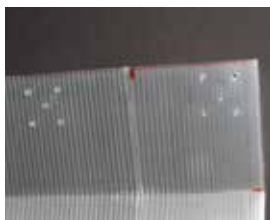
Você marcou tudo com o estilete, certo? Agora **vire a caixa** para o outro lado e dobre como no esquema abaixo. O que vai formar as bordas externas são os lados que você cortou com o estilete. Dobre com cuidado, para não estragar a caixa. Se foi possível dobrar, esta etapa não vai ser necessária para você.



Com um furador, faça cinco furinhos em todas as bordas. Isso é para costurar com linha de algodão não alvejada. E costure, fazendo um “x” para ficar uma costura mais forte.



Um tipo de furador que pode ser usado.



Fure as laterais juntas, para os buracos ficarem no mesmo lugar. Se precisar de ajuda, use fita crepe para deixar tudo no lugar e depois fure e costure.

Muita gente gosta de fazer mais dois furos na parte de cima da lateral, para manter a aba lateral mais fixa. Veja como você prefere.

7. Como guardar em caixas

É bem verdade que não há uma fórmula secreta para os seus trajes durarem mil anos. Mas guardá-los direitinho vai ajudar a conservá-los por mais tempo. Uma das etapas mais importantes da conservação é a maneira que o seu traje vai ser guardado.

Como tudo neste pequeno manual de sugestões, nada é definitivo e nem há garantias de conservação eterna.

Esta técnica a seguir é feita normalmente, em museus e coleções particulares, com papel *acid free*, mas é bastante caro para a nossa realidade. Por isso propusemos o uso do TNT como um substituto. A técnica é a mesma. O papel tem uma vantagem na hora da montagem pois ele amassa

e fica na posição que desejamos. Com o TNT, temos que usar a máquina de costura para finalizar ou dar alguns pontinhos à mão.

	
Cortar tiras do rolo de TNT com 30 cm de largura. Cortar na metade da largura do TNT, ou seja, 70 cm. Para fazer o rolinho, a medida pode variar, claro, de acordo com o tamanho da sua peça. Ou você pode usar vários, um ao lado do outro, ou um em cima do outro.	A primeira coisa é ir juntando pregas de cerca de 2 cm, fazendo uma sanfoninha, uma concertina.
	
Faça a concertina usando toda a largura do TNT.	A concertina pronta vai ser colocada em cima da outra tira de TNT. Segure as pontas com os dedos, senão solta tudo! Comece a enrolar a tira de baixo na concertina.
	
Enrole toda a tira de baixo ao redor da concertina.	Ao terminar de enrolar, passe uma costura na borda e retire todas as linhas soltas. Se fosse papel, era só dobrar e amassar as pontas que ficaria tudo no lugar.



Pronto! Veja como ficou bacana e como é simples. A concertina dentro ajuda a apoiar e distribuir o peso da peça.



Não faça um rolinho só. Faça vários, pois isso agiliza a montagem das roupas nas caixas.



Forre o fundo da caixa com tiras de TNT de 1,40 m por 30 cm até cobrir tudo, deixando uma ponta para fora, que mais tarde vai ser usada para ajudar a proteger a peça.



Coloque a peça delicadamente no centro da caixa. Se a caixa for menor, você vai ter que estudar cuidadosamente como fazer as dobras, para não danificar o tecido.



Com uma tira pequena de TNT, faça um “amasadinho” e coloque com cuidado nas mangas, para que elas não fiquem amassadas e com vinco.



Vê como a manga fica bem estruturada?



Faça na outra manga e depois coloque mais TNT na região do peito, para estruturar o tecido. Nós aproveitamos aqui a estrutura feita para tirar a foto do vestido, já que ela não ia mais ser utilizada. Mas só o TNT resolve.



Pronto. Mangas e peito com suporte.



Cubra.

Tampe com a tampa que você fez ou comprou.



Identifique a peça por fora com o número dela, se houver na sua coleção, e uma foto ou duas, assim não será preciso abrir a caixa para saber o que tem dentro. Quanto menos manipulação, melhor!

8. Local para guardar os trajes

Quando estão nas igrejas, os trajes normalmente ficam na sacristia ou em lugares separados, livres do acesso do público. O lugar deve estar sempre limpo, ventilado e sem muita luz, já que ela é fatal para os tecidos, pois eles “queimam”, perdem a cor quando expostos à luz.

Limpeza da sala: na limpeza do ambiente, nunca se deve usar produtos químicos fortes – eles danificam os têxteis. O ideal é um pano com álcool, quando possível. Mas atenção: não dá para limpar piso de madeira com álcool, pois queima o verniz. Se você não resiste a passar cera no chão, faça o seguinte: tire os tecidos, com calma, e leve-os para um lugar seguro. Faça todo o trabalho de limpar, escovar, encerar, passar enceradeira ou lustrador de chão – sabe aquele antigo de metal? Tem muita gente que ainda usa e gosta... Abra tudo por alguns dias e deixe arejar, mantendo todo o ambiente limpo, e depois traga os tecidos de volta, com calma e cuidado. Sabia que a maior parte das peças em museu costuma rasgar no transporte ou na manipulação com pressa?

A luz na sala: sempre manter a luz o mais baixo possível, para evitar que “queime” as roupas. Ou seja, luz do sol, nem pensar! Colocar as roupas no sol para arejar ou “tomar um ar”, nem pensar!¹⁴

Como diminuir a luz na sala: em primeiro lugar, *avalié onde você está*. Estas sugestões interferem no visual da sala como um todo. Mas são muito úteis e econômicas:

- Feche as janelas com persianas.
- Feche as janelas com cortinas do tipo *blind*, aquelas que não deixam passar luz. Estão muito baratas, hoje em dia, e é possível comprar por metro e fazer na medida necessária.
- Use aquele filme de PVC que se usa nas janelas dos carros. Funciona muito bem! Alguns bloqueiam mesmo a entrada de luz.
- Está sem dinheiro, mesmo? TNT e fita crepe. Já usei em diversas ocasiões e resolve. Corte o TNT do tamanho do vidro da janela e prenda com fita crepe. Fica bonito? Não fica lindo, **mas resolve**.

¹⁴ Se quiser arejar suas roupas, escolha um local com boa circulação de ar e bem protegido, sem cachorros ou gente que fique pondo a mão, por exemplo, e deixe por um dia ou dois. Use bom senso, sempre. Escolha um local coberto, protegido da chuva, onde ninguém possa roubar a peça.

Eliminando pragas e infestações: manter o local limpo e inspecionado já ajuda bastante, mas é necessária a dedetização do ambiente sempre. Há empresas que prestam serviços especiais, que não danificam os têxteis.

Ar-condicionado: deixar um traje na temperatura ambiente é melhor e causa menos dano do que ter um ar-condicionado que fica ligado durante o dia e desligado à noite. O dano causado ao tecido e a outros elementos, como quadros e pinturas, por exemplo, é imenso. Esse esquentar-esfria danifica as fibras do tecido. Se o tecido segue as temperaturas normais do dia, é melhor; há tempo para ele se expandir e retraindo, danificando muito menos a fibra do que uma mudança brusca de temperatura.

Armários de madeira: se a sua sacristia tem peças do século XVIII, ou armários incríveis como os de São João del Rei, temos que assegurar que os tecidos estejam bem protegidos, mas que nada machuque a madeira também. O problema é que madeira não é o melhor material para ficar em contato com os tecidos – mancha, libera cheiros... Quando vamos ver, já está lá a mancha marrom na manga do traje que estava encostado na lateral do móvel. Quase nada consegue remover essa mancha e, aliás, é melhor você nem tentar tirar. Mande para um profissional que vai avaliar se é possível, sem risco de perder ou danificar a peça.

Uma boa solução é colocar, por cima das laterais do armário, uma camada de TNT branco. Branco que é para ver a sujeira, mesmo – ninguém quer esconder a sujeira, muito pelo contrário, queremos estar alertas para quando ela aparecer. Não grampeie nada em móveis antigos e raros – não use fitas adesivas transparentes, fitas autocolantes ou qualquer outra, porque isso vai soltar uma goma no seu armário (o que já é ruim), a fita vai cair e grudar no seu traje. Está feita a confusão. Como resolver?

Uma sugestão simples é preparar um cabide e colocar nele um pedaço de TNT, entre a peça e o armário. O TNT vai impedir que a sujeira passe do armário para a roupa.

Outra ideia: faça uma capa para o traje com TNT, aberta embaixo. O efeito é o mesmo, além do fato de impedir que uma roupa manche a outra.

Limpeza do armário de madeira: siga os procedimentos de limpeza da sala. Remova tudo, limpe e depois traga de volta, em segurança.

Fique atento aos armários encostados na parede ou embutidos: entre o armário e a parede dá cupim ou nós não vemos a umidade da parede entrando no armário. Quando menos se pensa, já estão os trajes mofados...

Gavetas: forrar todas com TNT ou com folhas de papel *acid free*, que nós compramos em lojas especializadas, mas são caros. Ou, ainda, com Tyvek, outro tipo de material que é muito bom. Mas custa bem caro.

Pergunta: Posso usar papel pardo, papel inglês ou papel *kraft* nas gavetas?

Resposta: Lembra quando você foi mexer na gaveta com roupas que usa menos e encontrou a camisa bonita de seda manchada de marrom? Aquilo não foi o “tempo”, foram o ácido e a tinta do papel inglês. Esses papéis são feitos para embrulho, normalmente, para serem descartados logo. O processo de beneficiamento deles é mais bruto também. Não servem para têxteis.

Posso usar papel de seda branco para embrulhar os trajes?

Não deve. Apesar de fininho e bonito, sugerindo delicadeza, os fabricantes usam muito alvejante para deixá-lo clarinho. Ele vai, literalmente, manchar a sua roupa. Ou a do padre, o que vai ser pior.

Insistindo: Mas o vestido de noiva da minha mãe ficava guardado em papel de seda azul. Todo mundo falava que ajudava a conservar e afastar bicho.

Se você ainda tiver o vestido, dê uma olhada e veja se ele não ficou cheio de pequenas manchas azuladas. Porque mancha mesmo, não tem jeito. Ainda mais se o lugar for úmido, o que acelera o processo de troca de cores entre as peças. O “bicho” não ficou longe por causa do papel. Ficou porque as condições de armazenamento eram boas, não tinha umidade, a casa era dedetizada sempre, tudo limpinho, sem restos de comida ou outras coisas que atraem bicho, a madeira do móvel bem tratada e não atacada por pragas...

Então por que todo mundo guardava em papel de seda azul?

Nunca vi nada específico sobre este tema, mas suspeito de uma coisa: as casas de comércio de tecidos e trajes empacotavam os vestidos em

caixas, com papel de seda. Dava um acabamento limpo, suave, combinava com a peça... A pessoa que comprava achava que o melhor era guardar daquela maneira, ainda mais uma peça de caráter comemorativo como um vestido de noiva, ou de batizado, ou comunhão... Era para preservar a memória de um momento tão bonito e significativo. Mas papel de seda não serve. Compre papel *acid free*, que parece papel de seda e vai dar a mesma sensação de proteção e carinho para com as suas memórias!

Posso usar TNT para embrulhar a peça?

Você aprende rápido. Pode. É barato e dura bastante.

Qual é o móvel ideal, então, para guardar os trajes?

Ideal é aquele que nós conseguimos, não é verdade?

Se for o de madeira, vamos fazer o melhor possível para aproveitá-lo.

FIQUE DE OLHO NELE PELO MENOS DUAS VEZES POR ANO, PARA VER SE NÃO TEM CUPIM OU OUTRAS BROCAS. No Japão, por exemplo, eu vi armários no Instituto do Traje que eram feitos de madeira de cerejeira, porque não atraem cupim. Mas até a diretora do museu me disse que eram caros, até para um museu como aquele.

Se for possível, os armários de metal são mais adequados, com certeza. Não mancham tanto, são fáceis de limpar e ficam protegidos da luz, uma das nossas piores inimigas na conservação dos trajes. E existem em muitos tamanhos, no país todo.

Veja alguns exemplos:



Armário de metal deslizante, no Museu do Traje e do Têxtil do Instituto Feminino da Bahia. Foto: Fausto Viana.	Armário de madeira no Museu Nacional do Traje de Portugal. Esse <i>pinus</i> do armário, nossos cupins comem rapidinho. Foto: Fausto Viana.
	
Armário de metal com porta de plástico, que enrola para cima.	Mapoteca. Este tipo de armário de metal foi pensado para plantas de arquitetura e mapas, mas serve para guardar muitas coisas na área da conservação, como toalhas, sanguinhos, palas, anéis, etc.

FINALIZANDO:

A umidade é um dos nossos piores inimigos.

Temperatura **CONSTANTE IDEAL**: 18 °C

Umidade: entre 50 e 55%. Use um desumidificador de ar, ou um umidificador, de acordo com a sua região. Mas lembre-se: mantenha ligado o máximo possível.

Não fume, não coma e não beba quando estiver trabalhando com os tecidos ou na sua reserva técnica.

Preste atenção ao cheiro do ambiente: mofo, por exemplo, dá sinais logo. Investigue de onde vem e remova os têxteis do espaço. **Nós não vencemos o mofo: o encanador e o pedreiro sim.** Não adianta usar alvejante com ou sem cloro, sem remover a causa da umidade. Não adie ou mascare problemas.

Plantas e animais não combinam com acervo, infelizmente. Trazem moscas, pulgas, pragas, insetos...

Diminua a luz ao mínimo possível, seguindo as sugestões.

Não use nada que ajude a “disfarçar” a sujeira. Nós queremos ver onde está a sujeira!

Mantenha o ambiente limpo e dedetizado.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, Sarah. *Clerical vestments*. Londres: Shire Publications, 2013.
- BOUCHER, François. *20.000 years of fashion*. Nova York: Harry N. Abrams, 1987.
- DUFFY, Eamon. *Santos e pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto; BASTOS, Desirée; ARAÚJO, Luciano. *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.
- JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- LESAGE, Robert. *Vestes e objetos litúrgicos*. São Paulo: Flamboyant, 1959.
- ROWER, Frei Basílio. *Dicionário litúrgico*. Petrópolis: Vozes, 1928.
- SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.
- VASCONCELOS, Irmã Maria de S. João. *Vestes litúrgicas e linbos do altar - corte e ornamentação*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.



Foto: Ronaldo Gutierrez

Fausto Viana é pesquisador de indumentária, moda e trajes de cena. É professor de cenografia e indumentária na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda.

É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*, *Dos cadernos de Sophia Jobim... desenhos e estudos de história da moda e da indumentária* e *Traje de cena como documento*. É um dos organizadores dos livros *Diário dos pesquisadores: traje de cena* (com Rosane Muniz); *Traje de cena, traje de folguedo* (com Carolina Bassi de Moura); *Cenografia e indumentária para principiantes absolutos* (com Dalmir Rogério Pereira) e *Para vestir a cena contemporânea: moldes do século XIX* (com Isabel Italiano, Desirée Bastos e Luciano Araújo), dentre outros.